

CEDI - P. I. B.  
DATA 31/12/86  
COD I 8300019



# RELATÓRIO

## OPAN 80-81



“Reunir prá fazer nossa força. Todos diz que nós não tem terra. Essa reunião é prá dar força. Vieram de muito longe dar ajuda”. (Francisco Lopes – Índio Paumari).

“Vim de longe prá ajudar assegurar terra. Nós fazer reunião prá segurar nossa terra; não prá brincadeira não”. (Manduka – Índio Kulina)

“Se a gente se unir bem, aí vai ficar bonito. Tudo separado não dá”. (Agostinho – Índio Apurinã).

Assembléia de Lábrea – 1a. semana/outubro/1979  
(Boletim do CIMI, no. 60 Nov. – Dez. de 1979)

O Relatório que aqui apresentamos, procura recolher algo da caminhada que fizemos junto às comunidades indígenas, sobretudo, e no setor rural, no período compreendido entre a Assembléia

Representativa de julho/1980 e a Assembléia Geral de fevereiro/1982. Um ano e meio de esforços renovados para realizar com maior coerência o trabalho que nos propomos..

Foi um tempo de consolidar a presença em muitas áreas. Não abrimos projetos novos em área indígena, paramos com a dispersão que nos preocupava, reforçamos com novos companheiros alguns trabalhos, procuramos aprofundar o que vinha sendo feito.

Foi um tempo de quebras sofridas em nossos trabalhos. Por falta de pessoas disponíveis, por deficiências no planejamento, por pressões institucionais (Funai, Igreja, ...), por muitas enfermidades, por outras dificuldades, fechamos 4 projetos. Dois deles temporariamente: Seruni e Salumã; e dois definitivamente: Lábrea e Envira (povo Katukina e Kaxinawá).

Foi um tempo de fazer um grande esforço para preparar melhor as pessoas que se dispõem a um engajamento em áreas indígenas, tentando responder com mais profundidade, com mais garra aos crescentes desafios que o trabalho nos coloca.

Foi um tempo de perseguição, com vários colegas sendo atropelados pelos representantes do poder estabelecido e contrários aos direitos dos Índios. Laurita e Gema expulsas pela Funai da aldeia Katukina (AC), Olevino respondendo a interrogatório policial em plena aldeia Kaiowá (MS), Fabinho detido na área Tupininkin e conduzido à Polícia Federal (ES), Anselmo submetido a duas horas de inquisição na Polícia Federal de Rio Branco (AC), Ivo e Calu arbitrariamente proibidos de entrar em áreas indígenas (MS) ...

Foi um tempo de esperança crescente, amadurecendo-se na progressiva tomada de consciência dos povos indígenas, na sua decisão de lutarem unidos pelos seus direitos, nas suas ações concretas em busca de autodeterminação.

No espírito desta caminhada feita de conflitos e esperanças é que convidamos nossos companheiros, nossos amigos, nossos colaboradores, todos aqueles que tem apoiado a gente..., assim como aqueles que não compreendem nossa proposta e procuram obstacular nosso caminho, à leitura do texto que segue.

Este relatório quer ajudar todos a saberem melhor de nossas lutas, de nossa experiência, e sobretudo motivar muitos a um maior compromisso com aqueles que mobilizam nosso empenho: os POVOS INDÍGENAS.

Objetivos: A preparação dos novos voluntários da OPAN tem sido feita através de Estágios, que variaram através dos anos na sua forma concreta acentuando-se ora o aspecto prático, ora o aspecto teórico.

Os objetivos básicos do Estágio têm sido a vivência em equipe, o entrosamento com a Organização, o estudo da questão indígena, alguma experiência de base, a verificação das condições para um engajamento, e o aprofundamento da opção pessoal.

Nova modalidade de Estágio: A partir da Assembléia de julho de 1980, passou-se à aplicação de uma nova forma de estágio, estruturado em duas etapas. Na primeira parte, com duração de 3 meses aproximadamente, os estagiários se ocuparam principalmente com estudos indigenistas, feitos em Cuiabá, ao mesmo tempo em que faziam uma experiência de equipe e se entrosavam na OPAN; na segunda parte, fizeram uma experiência em área indígena, também por 3 meses.

Até o momento, foram realizados três estágios dentro desta nova modalidade, tendo contado com 17 participantes, sendo que 8 deles engajaram mais estavelmente alguma área indígena. Os resultados da experiência em Cuiabá podem ser considerados satisfatórios, ao passo que a experiência nas bases indígenas, assim como a articulação entre a etapa teórica e prática tem sido mais problemática. Os resultados para o trabalho permanente nas áreas indígenas ainda são difíceis de avaliar, devido ao pouco tempo de aplicação da proposta.

Colaboradores: Para a etapa de estudos em Cuiabá, tem sido muito importante a colaboração de vários companheiros e pessoas amigas que se dispuseram a orientar os estagiários nos diversos temas que compõem o roteiro de estudos: história e política — Egydio; antropologia — Edir e Fátima; educação — Beth, Nice e Luís; realidade brasileira — Passos, Zé Antonio, Eudson, Calixto, Joarez; Legislação — Iasi, Juçá; enfermagem — Vanda, Osvaldo; linguística — Darci; economia — Ivar; missiologia — Arlindo.

Continuidade: A Assembléia Geral realizada em fevereiro de 1982 confirmou e ampliou a nova modalidade de Estágio. O tempo inicial de estudos em Cuiabá deverá ser de 4 meses, a etapa de experiência numa base indígena continuará a ser feita em 3 meses; depois disto, haverá uma avaliação geral e mais uma fase de dois meses de estudos. Esta última etapa é nova, e visa uma preparação particular da pessoa, em vista do grupo específico junto ao qual irá atuar, oportunizando o aprendizado da língua daquele grupo, o estudo de sua história, a análise da etnografia disponível sobre o mesmo, etc. Os estudos desta fase deverão ser feitos sob orientação antropológica.

Em vista desta readaptação do Estágio, em que se mantém a idéia de um tempo forte de estudos, mais direcionados para o grupo indígena junto ao qual a pessoa vai conviver, haverá apenas uma equipe de estagiários a cada ano, em vez de dois grupos anuais como vinha ocorrendo. Deverá haver, igualmente, uma melhor preparação das pessoas na etapa prévia ao engajamento no Estágio.

### PROJETO ALTO PURUS

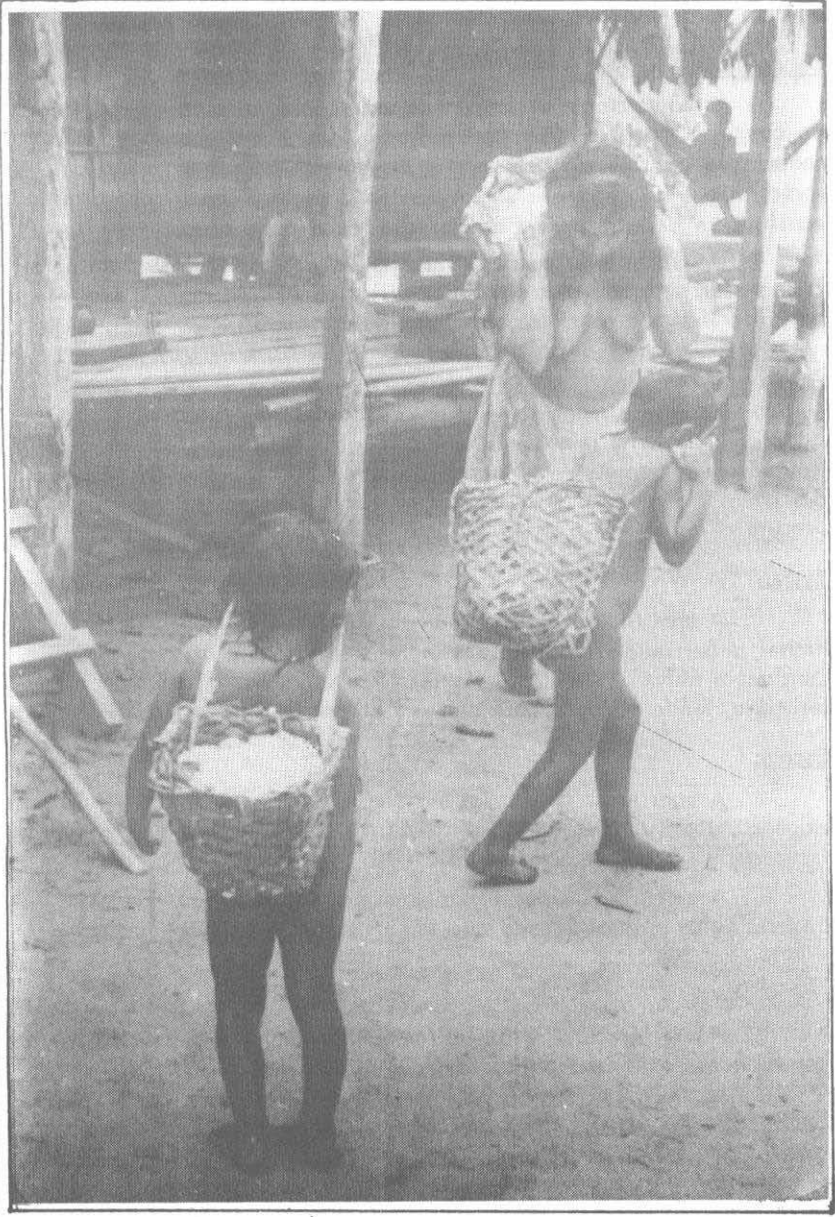
Localização: Rio Purus, no município de Manoel Urbano, Prelazia de Acre—Purus — AC.

População abrangida: 350 Kulina e 162 Kaxinawá.

Equipe: Rosa, Roberto e Lori (filha — Pamalomid)

Início do projeto: 1976

# PROJETOS



### Histórico:

A população indígena do Alto Purus estima-se em 512 indivíduos divididos em 7 aldeias.

De modo geral mantém relativa dependência em relação à sociedade nacional: cultivam seus roçados, caçam, pescam e mantêm vivos seus rituais de cura e de danças. Dependem de algumas mercadorias como o sal, munição, rupa, querosene, faca, panela, machado, enxada que são comprados em Sena Madureira.

### Cooperativa:

O comércio se dá através de uma cooperativa criada em 1980, em conjunto entre os Kaxinawá e Kulina das 3 aldeias maiores. A cooperativa resolveu em boa parte a problemática do "marreteiro", porém, não é raro aparecer algum vendendo cachaça aos Índios, o que constitui um desastre para a organização social desse povo.

Atualmente as cooperativas estão num certo impasse, em parte criado pelas interferências dos funcionários da FUNAI, após a criação do Posto Indígena na aldeia de Fronteira, em 1980.

### Saúde:

Quanto a saúde tem-se o cuidado de não introduzir indiscriminadamente remédios alopáticos, salvo casos mais graves. O povo Kulina tem suas práticas de cura e conhecem, como a grande maioria dos povos indígenas, plantas e ervas curativas. Exatamente por isso, procura-se respeitar e incentivar o uso da medicina nativa.

### Terra:

A área indígena, delimitada em 1976, sofreu alteração de limites, respeitando a proposta dos Índios que exigiram uma área contínua e única. Os Kulina e Kaxinawá se uniram para defender este território, sendo esperada para breve, a demarcação por parte da FUNAI.

### Escola:

A construção de escolas em Santo Amaro e Maronawa foi uma exigência dos Kulina ao Pe. Paolino, da mesma forma que este vinha fazendo para a população ribeirinha.

A escola serviu para aglutinar a população Kulina que vivia dispersa pelos seringais, sendo que em ambas lecionam professores Índios.

Agora, procura-se dinamizar o funcionamento dessas escolas e capacitar os professores Índios.

## 2. PROJETO ALTO ENVIRA

a) Igarapé do Anjo

Localização: Margem esquerda do rio Envira – AC

População Abrangida: Índios Kulina

Responsável: Kanaú

Início do Projeto: 1976





Os principais problemas enfrentados hoje por este grupo Kulina são os seguintes: a) A dependência de produtos externos (munição e armas para caça, roupa e sal); b) Não produzir um excedente na agricultura capaz de suprir, como objeto de troca, as necessidades do pós-contato; c) O contato permanente com a Fazenda Califórnia que interfere na estrutura social, política e econômica do grupo; d) A localização da aldeia fora da área delimitada e uso das terras supostamente pertencentes à Fazenda para o cultivo de roçados, caça e pesca; e) O nomadismo de famílias da aldeia em função das promessas do PI.

O projeto de "educação" realizado entre 1978 e 1980 tinha cumprido a primeira fase proposta, que era a alfabetização na língua materna. Em maio de 1981 iniciou-se a segunda etapa do projeto, com o aprendizado da língua portuguesa. Todo o material escrito na primeira fase foi usado para a tradução na segunda fase.

Ainda em 1980 (junho) pela primeira vez um membro da aldeia participou de uma Assembléia indígena (Maronawa-Purus). Em abril deste ano mais três homens, incluindo o chefe clânico, participaram da Assembléia Jarawara-Amazonas. Uma "casa de farinha" foi instalada no início deste ano, cujo produto está sendo usado como objeto de troca, que junto com a venda anual de artesanato supre parcialmente as necessidades da aldeia.

No decorrer de todo o processo de alfabetização houveram focos de conflitos entre FUNAI-Fazenda-Aldeia do Igarapé do Anjo. Esses conflitos eram discutidos na aula, causavam sempre uma reação da aldeia com a fazenda e o PI.

#### Perspectivas:

- a) A curto prazo —: 1) Sugerir uma nova delimitação de área à FUNAI, incluindo a aldeia do Igarapé do Anjo e área de perambulação e subsistência do grupo; 2) Concluir a segunda etapa do projeto de "educação"; 3) Criar condições básicas para que o grupo possa suprir as necessidades do pós-contato sem causar destruições muito profundas na relação de produção e relacionamento de parentesco.
- b) A médio prazo: 1) Fazer um contato com os grupos Kulina do rio S. Gregório e Jutal estendendo o "método escolarização" aproveitando o material pedagógico da experiência do Igarapé do Anjo; 2) Ampliar o trabalho a nível de Kulina com a anexação de mais agentes.
- c) A longo prazo: A volta do grupo para a terra firme.

b) Katukina e Kaxinawá

Localização: Feijó – AC – Margem esquerda do rio Envira

População Abrangida: Katukina e Kaxinawá

Equipe: Gema e Laurita

Início do Projeto: Setembro de 1980

Histórico:

O povo Katukina encontra-se espalhado nos rios Envira, Tarauacá e outros. Os Kaxinawá, nos rios Envira, Purus, Muru, Humaitá e Jordão.

Os Katukina provém da região do Juruá e os Kaxinawá do Perú.



Aos poucos, se instalaram em diversos seringais da região, perdendo grande parte de sua cultura, vivendo da extração da seringa, na dependência do patrão e de regatões.

Os grupos indígenas com os quais a equipe trabalhou localizam-se à margem esquerda do médio Envira. Os Katukina estão defronte à cidade de Feijó. Os Kaxinawá nas aldeias Paredão e Paroa; meia hora pela estrada e uma hora pelo rio, descendo a partir de Feijó, já no Estado do Amazonas.

Estes grupos já têm cerca de 20 anos de contato com a cidade. Cultivam seus roçados e esporadicamente fazem derrubadas para fazendeiros e seringalistas; são também descarregadores de balsas no porto de Feijó. Em 1972 as missões. Novas tribos instalaram-se nas proximidades dos Kaxinawá, com o objetivo de atender aos Índios nos setores de: educação e saúde. Em 1976, a FUNAI delimitou uma área de terra para os Índios: 3.840 /ha. para os Katukina e 8.765 /ha. para os Kaxinawá.

Principais problemas que os grupos enfrentam: — saúde; — dependência econômica; — o contato permanente com o branco e a cidade, que tem interferido negativamente em toda a estrutura social, política e econômica; — a descoberta de que são os verdadeiros donos da terra, tem feito com que tomem algumas posições reivindicando seus direitos, surgindo alguns desentendimentos com famílias de posseiros que moram na área.

#### Atuação:

Atendimento na parte de saúde. Incentivo na união dos dois grupos no sentido de reivindicarem seus direitos, principalmente pela terra. Alfabetização para os adultos.

Em julho a equipe se retirou da aldeia dos índios Katukina, por receber intimação da FUNAI no sentido de se afastar da área indígena. Dez dias após, instalou-se um funcionário da FUNAI na aldeia.

A partir dessa data, a equipe fixou morada na cidade de Feijó, fazendo visitas esporádicas aos Kaxinawá, informando e apoiando na luta pelos seus direitos. Foi organizada uma equipe (Índios e posseiros) para em Rio Branco reivindicar aos órgãos estaduais (FUNAI, INCRA e Governo do Estado) a demarcação da área indígena, assim como o reassentamento e indenização para as 46 famílias de posseiros que residem nessa área. Em novembro de 1981, dois funcionários da FUNAI de Brasília percorreram a área, deixando a promessa de voltar em abril para proceder a demarcação.

#### Encerramento do Projeto:

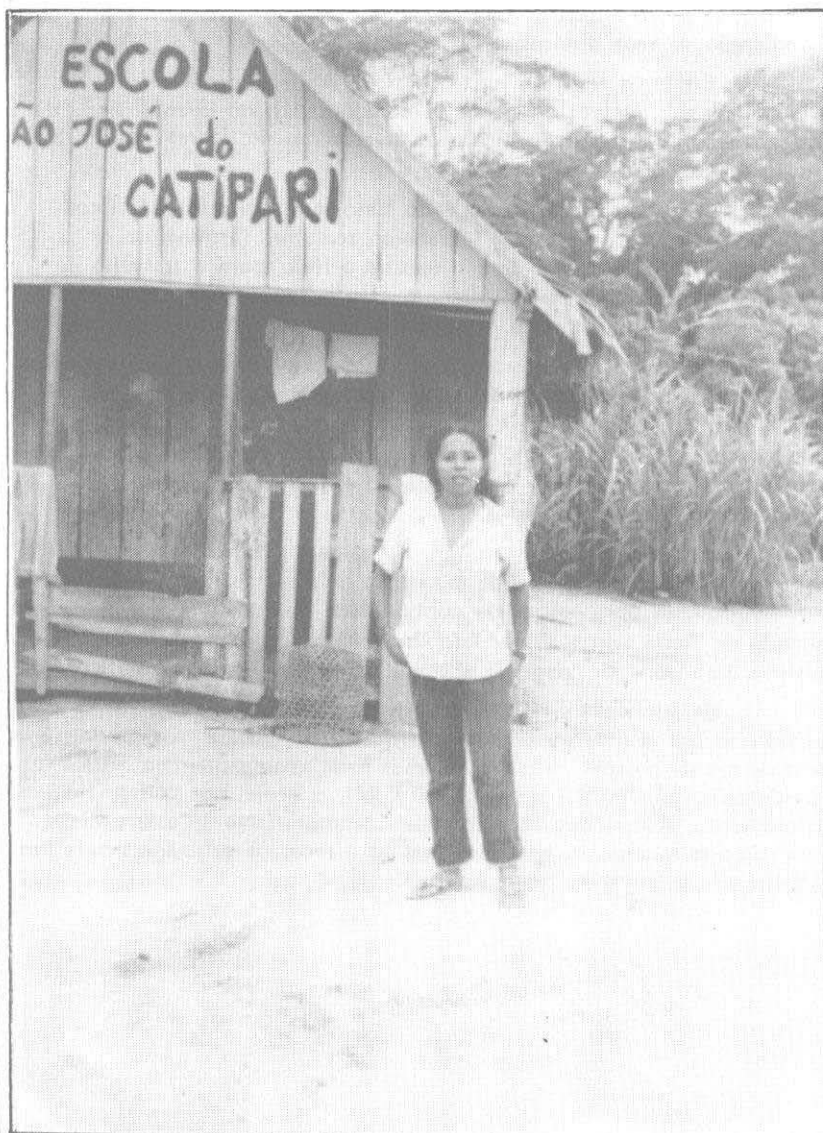
Devido a insegurança de permanência nas áreas indígenas pela presença da FUNAI e por duas expulsões em curto espaço de tempo, a equipe se afastou da área em janeiro de 1982.

Continua o trabalho de informação e apoio nas reivindicações dos grupos, principalmente pela terra.

O coordenador regional do CIMI — Acre, visitará periodicamente a área, para acompanhar essa luta já desencadeada, que os Índios estão assumindo

**3. PROJETO  
SERUINI**

Localização: Município de Pauini  
(prelazia de Lábrea) – AM  
População Abrangida: Apurinã  
Equipe: Zé, Linô, Verê e Helo  
Início do Projeto: Outubro de 1977



No primeiro semestre de 1977, Darci (OPAN) e Pe. Afonso de Caro (prel. de ~~Aze~~ e Purus) realizaram um primeiro levantamento da situação indígena no município de Pauini.

No final desse ano Darci e João se localizaram na boca do Igarapé Seruini, rio Purus, junto a uma comunidade de seringueiros, mas pretendendo intensificar os contatos com os diversos agrupamentos Apurinã; Dado a localização da equipe, o trabalho deu-se praticamente junto aos seringueiros nos setores de saúde e educação.

Depois, já com um espaço conquistado junto à população indígena, uma nova equipe (Zé, Lino e Paulo) procurou orientar para uma atuação junto a essa população, acompanhando-a na caminhada de reivindicação de seus direitos.

Então, o trabalho junto ao povo Apurinã caminhou principalmente através de visitas às comunidades, do levantamento da situação de suas terras e do incentivo às reuniões de líderes visando a solução dos problemas comuns.

Com a saída do Paulo e do Lino, este em julho/81, ficou impossível para o Zé continuar o trabalho sozinho. Terminando o estágio da OPAN, seguiram para o Seruini a Helô, para o trabalho de Educação e Verê, mais especificamente para pesquisa sócio-econômica e cultural do povo Apurinã. Zé ~~continuará~~ com uma atuação volante.

De início, percorreram a região para o contato com os Índios, conhecimento da área, averiguação do local mais adequado para a fixação da equipe, etc. Em setembro dirigiram-se a Lábrea para conversar com o bispo da Prelazia, D. Florentino. Ali, Helô decidiu desligar-se do trabalho indigenista. Apesar da quebra do esquema, Zé e Verê continuariam a percorrer a área.

Voltando a Pauini, porém, a equipe encontrou-se desmotivada, enfrentando problemas de saúde e abalada pela morte da mãe do Zé. Não encontrando perspectivas de continuidade do trabalho, questionavam a validade de ainda visitar as aldeias. Finalmente, em dezembro, decidiram deixar a área pois não viam sentido em continuar naquelas condições.

Na Assembléia da OPAN, estudando-se o Projeto Seruini, verificou-se um avanço na organização do povo Apurinã mas, devido à rotatividade de pessoal, falta de recursos e de acompanhamento da Coordenação da OPAN e do Regional CIMI, o projeto se tornou inviável no momento. Assim, decidiu-se paralisar temporariamente este projeto, retomando-se quando se reunirem pessoas e recursos suficientes para um trabalho eficaz junto ao povo Apurinã.

#### 4. PROJETO LÁBREA

Localização: Margem esquerda do rio Purus,  
altura Seringal "Estação" e Lago de Maranhã.  
População Abrangida: 120 Jarawara  
180 Paumari  
150 Apurinã

Equipe: Cacilda e Sergio  
Início do Projeto: 1977

A perspectiva inicial da primeira equipe era uma atuação visando a uma conscientização libertadora junto a 4 grupos indígenas (Paumari e Apurinã do Lago de Maranhã, Kanamati e Jarawara) e a população envolvente, sobretudo a partir da construção da casa no Seringal "Estação"

Sendo a equipe constantemente reduzida ao mínimo (2 pessoas), a concretização dessas perspectiva sofreu modificações:  
— Pastoral itinerante com visitas preferenciais aos Jarawara (prestando assistência sanitária e introduzindo, com Assembléias indígenas Regionais sobretudo, conceitos CIMI de conscientização) e na beira do rio uma assistência sanitária por excelência e promoção do sindicato dos Trabalhadores rurais.

Neste ano e meio, o projeto contou com a atuação separada dos dois voluntários e se limitou a períodos de permanência nas diferentes colocações Jarawara, visando um tipo de aceitação simples (de certa forma em contradição com o relacionamento com a equipe precedente e vistas esporádicas aos demais grupos da região, que não deixaram de ser momentos de "cobrança indígena" por parte da equipe refletindo a imagem anterior.

Não conseguindo montar uma atuação alternativa em relação às expectativas criadas pela diversa metodologia da equipe precedente, muitos questionamentos se acumularam constituindo um enorme impasse, tanto a nível prático como ideológico. A Assembléia Geral da OPAN 82 considerando tudo isso optou pelo fechamento do Projeto.



## 5. PROJETO ÍNDIOS NOVOS

Localização: Igarapé Pretão, médio Cunhuá –  
Município de Tapauá – AM  
População Abrangida: Índios Novos  
Equipe: Gunter, Chico, Astor, Cacilda e Heloisa  
Início do Projeto: 1979

### Histórico:

Sobre a história desse povo, pouco se sabe; possivelmente é do tronco linguístico Aruak.

A área dos Índios Coxodoá é rica em sorva, é explorada por brancos (sorveiros) que ali percorrem ps igarapés em busca do precioso látex. Já houve contatos em que os índios se apoderaram de terçados e machados.

Sem contatação planejada, os índios correm o risco de serem extintos por surto de epidemias (gripe, sarampo, varíola) além de sofrerem outros tipos de violências físicas e culturais da parte do sistema de exploração.

Os Índios são bons agricultores. Existe grande fartura. Ao redor das malocas erguem-se grandes pupunhais, plantações de bananeiras, mandioca, macaxeira, milho, cana-de-açúcar e abacaxi.

### Problemas:

Uma grande ameaça que também paira sobre esse povo é o traçado da BR 230, de Lábrea a Benjamim Constant cortando suas terras.

### Atuação:

**Objetivo:** Preparar os Índios para o contato com a civilização.

Os Índios da região do Coxodoá foram localizados em outubro de 1978, por ocasião de um levantamento aéreo, e no mesmo mês foi realizada a primeira contatação urgente, em vista da exploração de sorva na terra dos Índios e a constante ameaça de contatos não pacíficos com a população envolvente.

No igarapé Pretão um grupo de sorveiros de Canutama sob a chefia de "Tinha", foi expulso pelos índios no mês de março de 1978, sendo desarmados e desapropriados de machados, terçados e anzóis.

O comerciante Chico Severo tentou empreender uma nova empreitada, recrutando homens armados para limpar a área. Passou por semelhante experiência: os índios reagiram e tomaram seus pertences.

No mês de outubro de 1979, iniciou-se a primeira expedição formada por quatro elementos: Astor, Cacilda, Gunter e Chico. Foi feito um tapiri perto da boca do Pretão e foi explorada a área fotografada no sobrevôo do alto Riozinho.

A segunda expedição teve início em março de 80.

Subindo pelo Pretão deu-se o primeiro contato. Em dezembro do mesmo ano houve o segundo contato e em maio de 1981 o terceiro, nos quais procurou-se conhecer algo mais sobre o grupo.

Até o momento se constituíram quatro equipes nesse projeto:

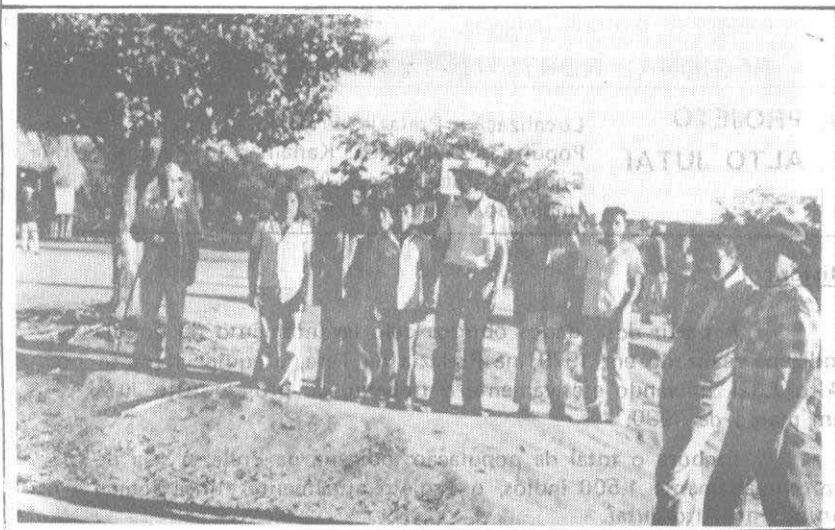
- 1) Astor, Cacilda, Gunter, Chico
- 2) Astor, Cacilda, Heloisa, Gunter
- 3) Astor, Gunter, Chico,
- 4) Gunter, Chico.

Na Assembléia Geral de 82 decidiu-se reforçar a equipe com a ida de Rubens e Terê para ajudar nos trabalhos de contato.

## 6. COORDENAÇÃO CIMI-ACRE

Localização: Rio Branco – AC  
Responsável: Anselmo  
Início do Projeto: 1979

Este Regional abrange o Estado do Acre e parte do Amazonas, e nele se encontram as seguintes nações indígenas: Kulina, Kaxinawá, Kampa, Jaminawá, Nukini, Machineri, Poyanawá, Yanawá, Katukina e Apurinã. A atuação mais sistemática está sendo feita com alguns grupos de Apurinã, Kaxinawá, Kulina e Katukina. Devido ao difícil acesso às aldeias e pelo fato de ser uma pessoa só para responder às necessidades da Coordenação do Regional, infelizmente não é possível atender de uma forma mais sistemática os outros grupos. Há muito o que fazer ainda a nível Regional para haver condições de dar um acompanhamento a um número maior de Índios.





### Histórico do Projeto:

Em outubro de 1979, Anselmo assumiu a coordenação do Regional quando ainda não havia nenhum material referente aos Índios do Acre e da Amazônia Ocidental. Uma das primeiras preocupações foi a de conseguir uma pequena sede onde fosse possível reunir todo o material de arquivo, que aos poucos a gente iria ajuntando, referente à situação dos povos indígenas da região.

### Objetivos do Projeto:

– Dar um acompanhamento e visitar pelo menos uma vez por ano os voluntários que atuam nas áreas; – Enviar uma vez por mês um pacote de recortes de jornais aos projetos, acompanhado de uma carta dando notícias dos outros Projetos e da situação do Regional em si; – Incentivar os Índios para que os mesmos defendam a sua terra, entrando aí toda a luta pela sobrevivência física e étnica; – Criar espaços para que os Índios se encontrem a nível de regional e discutam os seus problemas e vejam em conjunto quais as possíveis soluções; Denunciar à população em geral as arbitrariedades e indiferenças do órgão tutor em relação aos povos indígenas; Negociação com a FUNAI e Polícia Federal para ver a questão da permanência dos voluntários nas áreas indígenas.

### Perspectivas:

Dar continuidade aos trabalhos que já vem sendo realizados; – Elaboração de material escrito para as CEBs, associações e colégios, quanto à situação real dos Índios no Acre; – Participar na elaboração e posterior desenvolvimento do Centro de Documentação e Pesquisa para as bases que estão sendo montadas no Acre; – Efetuar um levantamento sobre os Índios destribalizados em todo o estado do Acre; – Ver a possibilidade e viabilidade de montar um Estágio em Rio Branco, para novos agentes da pastoral indígena.

## II – REGIONAL NORTE I

### 1. PROJETO

#### ALTO JUTAÍ

Localização: Prelazia de Tefé – AM

População Abrangida: Kañamari, Tucano e Kulina

Equipe: Araci, Lino, Lúcia e Egon

Início do Projeto: 1979

### Histórico:

A partir dos dados obtidos pelo levantamento da população indígena realizado em 1979, na Prelazia de Tefé, a equipe fixou-se no Alto Jutai, iniciando efetivamente o trabalho do projeto Alto Jutai em março de 1980.

Embora o total da população indígena na Prelazia seja de aproximadamente 1.500 Índios, o Projeto atualmente atinge somente os Grupos no Alto Jutai.

Objetivos:

Desde o início o Projeto se propunha atender tanto a Índios quanto a população ribeirinha. Para estas atuações foram criados, dentro do Projeto, dois setores: Setor Indigenista e Setor Não Indigenista. Embora sendo dois setores distintos, a proposta é de que haja uma atuação conjunta no sentido de conscientizar aquelas sociedades, tanto de seus próprios valores quanto de suas respectivas diferenças.

Atuação:

Setor Indigenista:

- Convivência com o grupo
- tentativa de conhecimento e inserção na cultura e costumes do Grupo
- plantio de roçado de subsistência da equipe
- acompanhamento nas relações comerciais do Grupo
- ensino da matemática
- estudo da Língua Kanamari

Setor não indigenista:

- acompanhamento e orientação a monitores
- incremento à organização do sindicato dos trabalhadores rurais do Município de Jutai
- educação junto aos filhos de seringueiros
- acompanhamento nas relações comerciais.



**2. PROJETO  
ALTO SOLIMÕES**

Localização: rios Javari e Solimões – AM  
População Abrangida: Mayuruna e Tukuna  
Equipe: Sílvia e Claire  
Início do Projeto: julho de 1980

Histórico:

Desde 1978 a equipe vem desenvolvendo um trabalho na área.  
Em 1980 a OPAN assumiu o trabalho como projeto Alto Solimões. Desde então, diante das necessidades, o trabalho foi ampliado.  
Em 1981 a equipe assumiu a Coordenação da Pastoral do Alto Solimões.

Atuação:

O trabalho está basicamente dividido em dois setores: a Coordenação da Pastoral Indigenista e o trabalho do rio Javari.

1. A Coordenação da Pastoral Indigenista: Este trabalho consiste em: a) Organização da Equipe de Pastoral Indigenista que já atua junto ao povo Tukuna; b) Reflexão em conjunto sobre problemas e a atuação junto às populações indígenas da prelazia, no sentido de assumir um compromisso cada vez maior com estas; c) Acompanhamento dos grupos indígenas da região na busca de seus direitos, e na sua auto-determinação; d) tentar enganjar sempre mais a Igreja nas questões indígenas.

2) Trabalho no rio Javari. Fazer o levantamento da área em vista de conhecer a realidade para possibilitar um trabalho mais contínuo junto aos povos indígenas desta região (principalmente junto aos Índios Mayuruna).

Perspectivas:

- Fazer visitas nas Comunidades Tukuna onde atuam os agentes da Prelazia, a fim de acompanhar o trabalho realizado;
- Visitar outras Comunidades Tukuna em vista de ter melhor visão de conjunto;
- Incentivar e colaborar na implantação de um projeto de alfabetização adaptado à realidade Tukuna;
- Continuar a apoiar as reivindicações dos Tukuna
- Penetrar paulatinamente na bacia do rio Javari.

Projeto r

**3. PROJETO  
ITACOATIARA**

Localização: Itacoatiara – AM  
População Abrangida: Waimiri e Atroari  
Equipe: Egdio e Doroti  
(filhos: Ajuri e Adu)  
Início do Projeto: julho/1980

Histórico:

O território dos Waimiri e Atroari, se estendia tradicionalmente pelas terras banhadas pelos rios Jauaperi, Amanau, Alalau e seus afluentes:

Os Waimiri e Atroari tem uma história de resistência que remonta a mais de 300 anos. No decurso dessa história os Waimiri e Atroari tem sofrido todo tipo de agressões e violências: invasão de terra saque do seu patrimônio (dos rios, das matas e do subsolo), a deportação, tentativas de catequese, agressões à sua cultura... Todos os atos de legítima defesa eram severamente punidos. Criou-se o mito da crueldade dos Waimiri e Atroari para justificar novas táticas e novos instrumentos de agressões. Todos os crimes cometidos contra esse povo até os mais recentes ocorridos nesta década, ficaram impunes.

De 1968 para cá, a par de armas de fogo modernas, utilizadas pelo governo contra esses dois povos, a política oficial programou a integração do Índio à sociedade nacional. A estrada BR - 174, Manaus a Carcarai, instaurou um processo dirigido e espontâneo de integração dos povos Waimiri e Atroari e sobretudo a "integração" das suas terras.

A FUNAI que mantém 8 bases de atração na região, e o Exército controlam todas as notícias da região, impossibilitando a opinião pública de chegar a obter uma visão da situação real. De 1977 para cá todas as notícias são de que os Waimiri e Atroari estariam aceitando plenamente a presença oficial na área e até padrões de vida do "civilizado"



### Atuação:

Até o momento a equipe não se fixou a grupo algum. Nem tem sido contato com alguma aldeia. O território Waimiri está ocupado sob controle do Exército e da FUNAI, desde 1968, quando a estrada BR-174, Manaus-Caracarái começou a penetrar. Por isso seria pretensioso demais, o estabelecimento imediato de uma equipe ou projeto dentro do território daqueles índios. Além do mais, os Waimiri e os Atroari se localizam em 3 circunscrições eclesiais (Manaus, Roraima e Itacoatiara).

O programa da equipe que está em andamento é o seguinte: 1) Levantamento da área, faltando executá-la na Arquidiocese de Manaus e Diocese de Roraima. 2) Coleta de informações sobre a situação indígena em outros campos. 3) Acompanhamento de grupos eclesiais de base, palestra a jovens e adultos, assessoramento de assembléias e reuniões indígenas e de missionários, do estágio da OPAN, participação em cursos e encontros de agentes de saúde, da programação da CEHILA, do Tribunal Russell, da Assembléia do Povo da Prelazia, da publicação do informativo da Prelazia, "Cipó".

### Perspectivas/ 82

Continuação do programa de 81, com a colaboração temporária de mais uma ou duas pessoas.

Durante a atuação no ano que passou, a equipe deparou com alguns planos do governo que ferem frontalmente não só os povos Waimiri e Atroari, mas violam também a legislação indigenista em vigor. São sobretudo: a transferência de um grupo Munduruku-Sateré e Waimiri do baixo Camaná em vista de uma mineração na área — um decreto presidencial liberando para a Mineradora Paranapanema/Projeto Timbó uma área estanífera na região Nordeste da Reserva; Construção da Hidrelétrica de Balbina, cuja barragem inundará boa parte da reserva indígena, área também liberada pelo supra-citado decreto presidencial.

A equipe tem denunciado esses programas. As frentes pioneiras continuam ameaçando o território Waimiri e Atroari, sobretudo no rumo Norte — Sul, acompanhando a BR — 174.

A posição da FUNAI tem sido no sentido de desenvolver programas integracionistas. Apresentação de uma nova face dos Waimiri e Atroari. Eles são apresentados como sendo pacíficos e bons produtores, contribuindo até para "encher" a panela vazia da civilização". Traz frequentemente Waimiri e Atroari, sobretudo crianças, para Manaus, para certificar a opinião pública da nova imagem que está criando. Tudo isso visa preparar a opinião pública para os novos golpes que o governo está dando contra o território e patrimônio daquelas nações indígenas; instalação de mineradoras e a Hidrelétrica de Balbina.

Por parte da Igreja cresce lentamente o interesse por uma presença mais firme na área.

#### 4. PROJETO WAPIXANA

Localização: Maloca da Malacacheta – Município de Boa Vista – RR  
População abrangida: Índios Wapixana  
Equipe: Neison e Sandra (filhos: Leonardo e Luciano)  
Início do Projeto: Maio de 1980

##### Histórico:

Já há alguns anos a Prelazia de Roraima se dispôs a receber voluntários leigos para trabalhar na Pastoral Indígena; a partir de 1978 o Pe. Egidio Schwade iniciou os contatos da OPAN com a Prelazia. Em janeiro de 1980, os voluntários Neison e Sandra visitaram o local e assumiram o trabalho junto aos Wapixana da região da Serra da Lua, no município de Boa Vista.

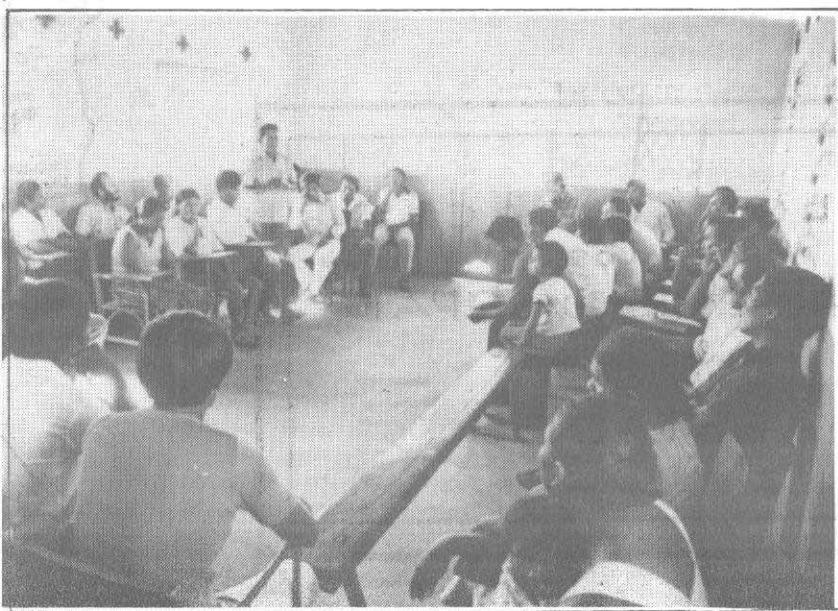
##### Atuação:

Continuando a experiência iniciada em 1980, tentou-se cumprir algumas proposições iniciais:

- Incentivo às roças; principalmente à roça comunitária;
- Incentivo ao artesanato;
- Disponibilidade para catequese;
- Conscientização quanto à importância da demarcação da área indígena;
- Estudo da língua Wapixana, etc...

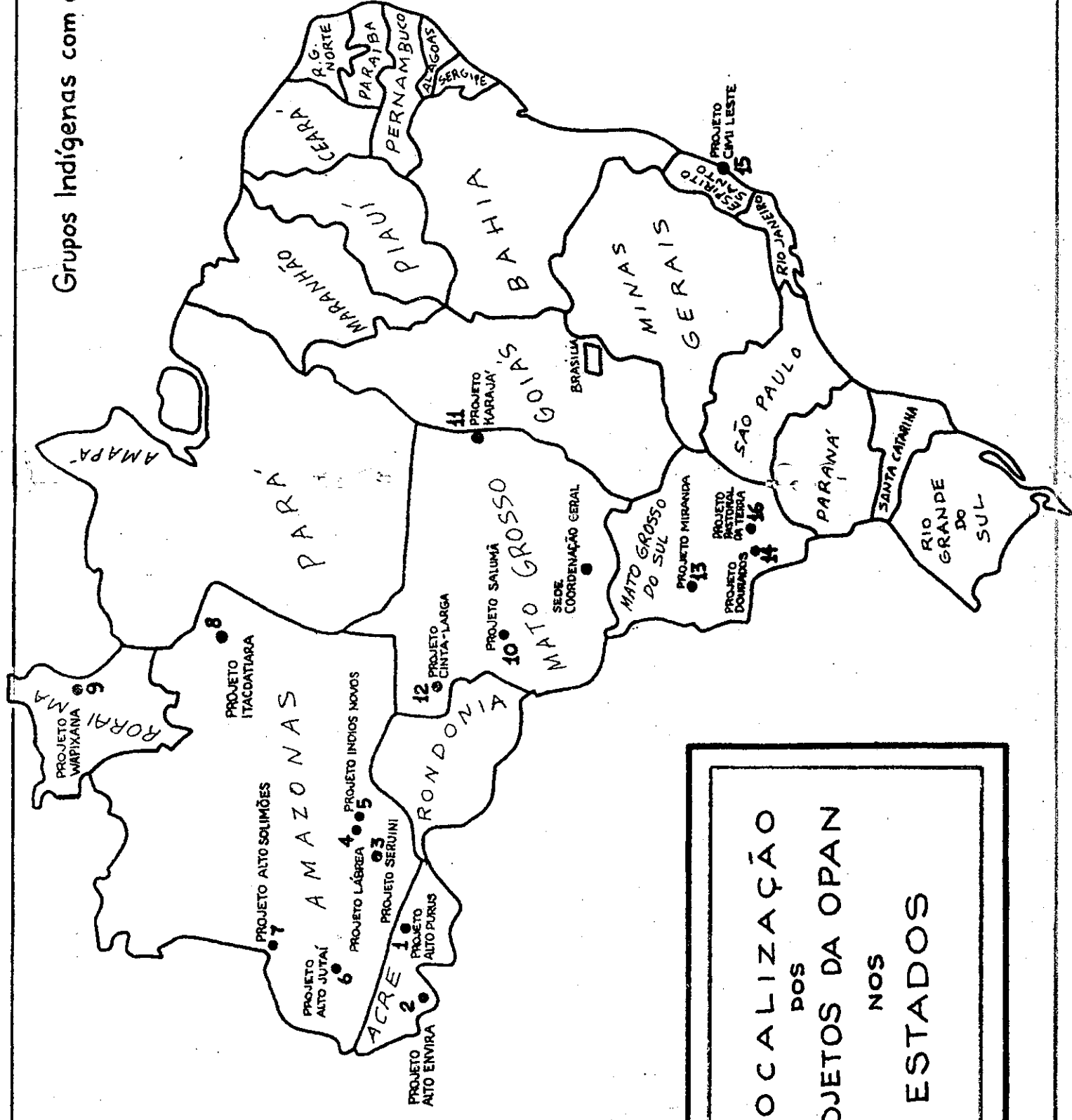
##### Avaliação do trabalho:

- a) Os trabalhos comunitários tiveram sensível incremento durante 1981. A comunidade toda percebeu a vantagem do trabalho conjunto.
- b) A convivência no dia a dia no ano de 1981 foi muito melhor que no período anterior,



Grupos Indígenas com os quais atuamos.

- 1 Kulina - Kaxinava'
- 2 Kulina ( Madija)
- 3 Apurinã
- 4 Jarawara  
Paumari  
Apurinã
- 5 Índios Novos
- 6 Kulina - Tukuna  
Kanamari - Deni  
Katukina - Maku
- 7 Mayuruna - Ya'gua
- 8 Wai-Wai  
Ikkariana  
Waimiri - Atrorari
- 9 Wapixana
- 10 Salumã
- 11 Karaja'
- 12 Cinta-Larga
- 13 Terena  
Guato'  
Kadiweu
- 14 Kaiowa' Guarani  
Terena
- 15 Tupiniquim  
Guarani  
Maxakali  
Xakriaba'  
Krenak  
Pataxo  
Hã-Hã-Hã
- 16 Lavradores



LOCALIZAÇÃO  
DOS  
PROJETOS DA OPAN  
NOS  
ESTADOS

Constata-se claramente a gravidade da desagregação que há na vida tribal, resultando do longo contato cultural com a população envolvente.

c) o incentivo do artesanato produziu resultados significativos: a curto prazo: Aumentou o trabalho em cestaria. A ASTER — Roraima pode ser prejudicial, pois a filosofia do trabalho em série não leva em conta absolutamente as características culturais; a médio prazo: A conscientização do valor do artesanato sempre foi destacada, também o plantio do algodão para confecção de redes próprias da cultura; incentivo à produção de cerâmica, quase totalmente esquecida pelo grupo.

- d) Existe consciência sobre a questão da terra.
- e) Quanto à catequese não houve grandes resultados. Ao que parece, as práticas religiosas próprias, há muitos anos foram abandonadas.
- f) O estudo da língua é um desafio. O clima da maloca não favorece qualquer tentativa de aprendizagem da língua. Na prática foram mínimos os progressos feitos na aprendizagem dela.

Perspectivas:

- a) Incentivo a todo o trabalho comunitário.
- b) Assessoramento na administração das cantinas comunitárias.
- c) Incentivo às roças comunitárias que em outras malocas serão iniciadas.
- d) Apoio à luta pela demarcação das áreas indígenas.
- e) Valorização do artesanato, língua e costumes próprios da cultura.
- f) Disponibilidade para a catequese.

III – REGIONAL MATO GROSSO

1. PROJETO SALUMÃ

Localização: rios Juruena e Kamararé – MT  
 População Abrangida: Índios Salumã  
 Equipe: Teresinha, Vicente, Melia (Mia)  
 Início do Projeto: Maio/1977

Os objetivos do Projeto são a convivência com o grupo indígena a garantia da terra, o atendimento à saúde e o estudo da língua.

Tere, que inicialmente alternava o trabalho entre a aldeia Mÿkĩ e Salumã, em meados de 79, optou por se fixar junto aos Salumã. Isto objetivava uma maior convivência com o povo e o estudo mais aprofundado da língua. Por outro lado, os próprios Índios exigiram dela uma definição. Esta permanência junto a um grupo ao longo do maior tempo possível é muito importante para que haja um real entrosamento com o mesmo. Apesar do esforço de Tere neste sentido, várias saídas para cursos, estudos, férias, compra de medicamentos, etc; prejudicaram um bocado tal convivência e o próprio estudo da língua; os Salumã questionaram muito estas saídas.

Quanto a questão da terra, que está interdita pela FUNAI, a equipe tem conferido em Brasília o processo que concluirá com a demarcação da área. Junto aos Índios, tenta-se explicar a necessidade de controlarem o seu território, o que aos poucos vai ficando claro para eles.

No atendimento à saúde, além de continuar com a medicina "oficial", começou-se a preocupar mais em buscar outras alternativas. Até agora quase nada foi conseguido, em grande parte pela dificuldade de



comunicação com os Salumã, que não entendiam esta proposta, e também pela facilidade de acesso aos medicamentos "civilizados" que havia na aldeia.

O estudo da língua por parte de Tere, no começo, andou bastante devagar por falta de maior preparação. Em 1980, com a ajuda de Ruth Monserrat, e com a 2a. etapa do curso de Linguística realizado no Maranhão, em julho de 81, e ainda o acompanhamento de Ruth, este estudo progrediu bastante.

Também em 1980, num encontro das duas equipes, M'ykĩ e Salumã, viu-se a necessidade de começar a pensar num trabalho de educação bilingue a longo prazo com os Salumã. Isto, baseado um pouco no trabalho muito positivo da Beth nos M'ykĩ, e vendo também a importância de iniciar um trabalho assim, enquanto o grupo ainda fala somente a sua própria língua. Para realizar este trabalho, Tere pediu insistentemente mais uma pessoa, tanto em assembléia da OPAN como em outras ocasiões.

Em julho/81, com a chegada de Rubens para o estágio, foi feita esta proposta a ele, colocada numa reunião entre boa parte dos companheiros da OPAN; esta proposta foi aceita por ele e demais colegas; com a condição de a Coordenação consultar outros projetos.

Decorrido algum tempo, criaram-se laços mais estreitos entre Tere e Rubens, que acaram importante fazer uma caminhada juntos, o que reforçava a proposta de ida do Rubens para os Salumã. O Pe. Meliá, entretanto, como integrante da equipe Salumã e coordenador da pastoral indígenista da Missão Anchieta, alegou excesso de gente e a não necessidade de se começar imediatamente um trabalho de educação, e decidiu que Rubens não deveria ir para os Salumã.

Tere, que já achava difícil continuar o trabalho sem um reforço na equipe, e experimentando agora uma ligação pessoal maior com o Rubens, sentiu que era inviável retornar sozinha aos Salumã, preferindo assumir com Rubens um novo trabalho noutra área.

Frente a tudo isto, e ao fato de não haver outra pessoa disponível que pudesse substituir Tere, decidiu-se suspender Provisoriamente por parte da OPAN, a atuação junto aos Salumã.

---

## 2. PROJETO KARAJÁ

Localização: Rio Araguaia – Ilha do Bananal – MT e GO

População Abrangida: Índios Karajá

Equipe: Sílvia e Heloisa

Início do Projeto: 1979

---

### Histórico:

Na época em que os Tapirapé sofreram ataques dos Karajá o SPI abriu um posto na Barra do rio Tapirapé, para transferi-los da Serra do Urubu Branco (rio Tapirapé). Como estes não aceitaram, os Karajá que moravam em praias próximas, mudaram para o posto, formando a aldeia Karajá da Barra do Tapirapé.

### Problemas:

- 1). Terra: A aldeia Karajá fica dentro da reserva Tapirapé. Os Karajá se dizem os verdadeiros donos destas terras e não aceitam a posição de defesa tomada pelos Tapirapé, sendo muito amigos da fazenda invasora e posseiros que estão na área.
- 2). Marisco: Dependência do marreteiro para a venda do peixe e aquisição de mercadorias, os torna cativo pelas dívidas cada vez maiores. Não aceitam interferência de ninguém.
- 3). Alcoolismo: Na cidade são motivo de gozações. Na aldeia, há brigas e até casos de morte.

### A atuação:

Objetivos: A curto prazo: Conseguir um espaço junto ao grupo.

A longo prazo: Despertar no povo Karajá a importância da participação na luta indígena nacional (Assembléias indígenas e encontros etc...)

— Despertar a retomada de sua terra (Ilha do Bananal) hoje ocupada por mais de 12.000 posseiros, acobertados pela FUNAI.

O trabalho junto aos Karajá teve início em setembro de 1980.

Em janeiro de 1981, chegou Heloisa ao projeto para assumir a escola. Em abril teve que deixar o trabalho.

Em fins de julho chegaram Paulo e Joana para fazer um trabalho mais volante entre as aldeias. Durante os três meses práticos do estágio, foram planejados alguns dias na Barra do Tapirapé, outros em Santa Terezinha, depois aldeia de Luciara e Barreira do Piqui.

Escola: Foi assumida somente por dois meses.

Saúde: Até hoje foi muito assistencialista, sem a preocupação do aprendizado da medicina indígena.

A maior dificuldade que se tem encontrado em desenvolver outro tipo de trabalho é por estar dentro de um posto da FUNAI, o que implica na "supervisão" de um chefe de posto.

Um fato muito positivo foi a participação de um representante Karajá na reunião de líderes indígenas em São Paulo e a ida desse mesmo elemento a Brasília com os Tapirapé, por questão da terra.

### Perspectivas:

A continuação do trabalho nesta aldeia é importante, pelo fato do contato com os índios das outras aldeias, como pelo problema da reserva que ainda não foi solucionado.

Há possibilidades de um trabalho nas aldeias onde não há posto da FUNAI, que se encontram muito abandonados.

### Frentes pioneiras:

Além das 13 famílias de posseiros morando na reserva Tapirapé, o Parque Indígena do Araguaia é ocupado por 12.000 posseiros. Também fazendeiros usam a ilha durante as secas para colocar gado. A FUNAI também tem criação de gado na ilha.

### FUNAI:

Há 4 postos junto aos Karajá e um entre os Javaé. Os projetos econômicos estão sendo implantados nas 3 maiores aldeias Karajá.

**Igrejas:**

A aldeia Fontoura (a maior Karajá) foi atendida até pouco tempo pela Igreja Adventista, prejudicando muito a cultura do grupo. Na aldeia de Macauba, vivem duas professoras do Summer, além da esporádica interferência da Missão Novas Tribos.

Há monitores indígenas treinados pelo Summer, usando seu método, atuando em todas as aldeias.

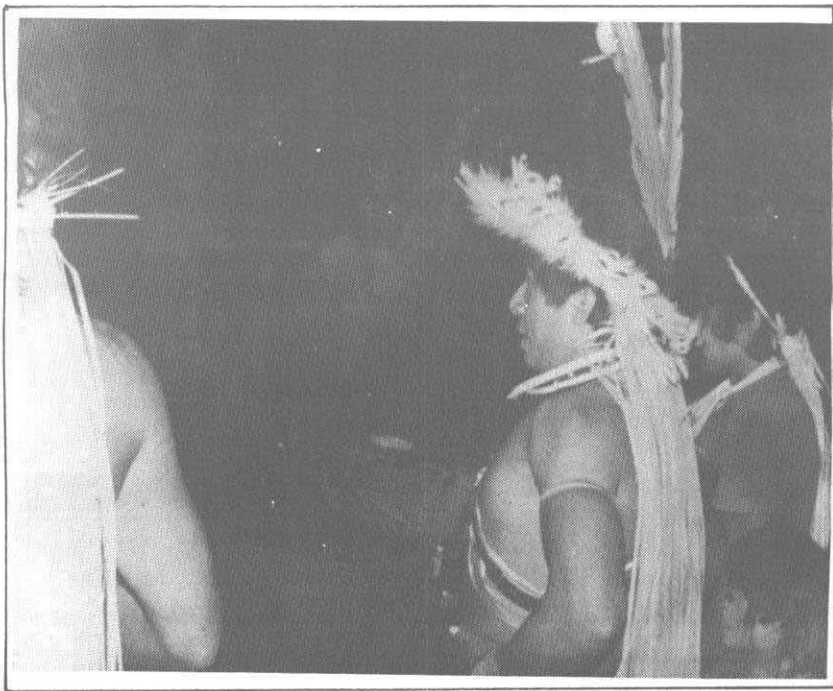
As irmãs de Jesus iniciaram um trabalho junto aos Karajá, que foi interrompido com a chegada dessas outras missões.



**3. PROJETO CINTA LARGA**

Localização: Noroeste de Mato Grosso  
População Abrangida: Cinta Larga  
Equipe: Anni, João e Ivar  
Início: do Projeto: Julho de 1979

Cinta Larga



Os grupos Cinta Larga com os quais trabalhamos habitam a Área indígena Aripuanã, interdita pela Portaria: 502/N da FUNAI em 14.02.79, distribuídos em cerca de 10 malocas, com uma população estimada em 120 pessoas. O nosso relacionamento maior se dá com as malocas da região do Igarapé Ouro Preto.

Os principais problemas enfrentados são: — O enorme fascínio exercido pelos manufaturados e mercadorias produzidas pela sociedade nacional, sendo estes motivos de dispersão da comunidade: — A não resistência do grupo indígena à invasão do seu território por frentes pioneiras: — O garimpo Ouro Preto, empreendimento da firma ANCOM MINING, de capital norte-americano; — A mortalidade infantil elevada, devida principalmente à malária.

#### Histórico recente:

Durante o mês de setembro/80, Ivar Thomáz realizaram uma expedição às cabeceiras do Guariba para reconhecimento das malocas aí localizadas. Nos dias 03 e 04 de maio/81, Ivar e João sobrevoaram toda a área, concluindo o reconhecimento da região e localização das malocas. Em setembro/81 realiza-se uma vacinação contra sarampo. Ainda em setembro/81 é apresentado à FUNAI o relatório "Proposta para delimitação da Área indígena Aripuanã, destinada aos Índios Cinta Larga". Nesta proposta apresentamos novos limites para a área tendo em vista abrigar todas as malocas e garantir a sobrevivência deste povo.

Em setembro/outubro/81 Darci passa uma temporada na maloca do Naki, iniciando um levantamento linguístico, de modo a auxiliar a equipe no aprendizado da língua. Em novembro/81 é realizada a Excursão—visita de de uma família Cinta Larga aos povos Erikbaktas, Salumã, Franche Nambiquara e M'Ykĩ.

#### Perspectivas:

Estruturar o atendimento à saúde, dando a certeza ao índio de que sempre haverá um membro da equipe para atendê-lo na maloca do Naki, a qual servirá de base para o trabalho. O principal ponto a enfrentar será o "problema da malária"; e continuar o programa de vacinações.

Instalação do rádio-transmissor vinculado à rede da Missão Anchieta. Incrementar os plantios na maloca do Naki, procurando reunir as famílias que circulam entre as diversas malocas. Acelerar o processo de definição da área indígena de Aripuanã.

Reunir o maior número possível de dados sobre os Cinta Larga, principalmente dados históricos. Dar continuidade ao levantamento lingüístico. Organizar no final do ano de 1983 uma semana de estudos.

Construção de uma casa em Aripuanã para estadia da equipe.

## IV – REGIONAL MATO GROSSO DO SUL

### 1. PROJETO MIRANDA

Localização: Miranda – MS

População Abrangida: Terena, Kadiwéu, Guató, Ofaié e Kaiowá

Equipe: Ivo e Calú

Início do Projeto: 1979

#### Histórico:

A região sob a responsabilidade direta ou indireta da Equipe compreende as Dioceses de Jardim e Corumbá.

Dos povos indígenas sobreviventes, os Mbaya— Guaiquirus (dos quais os Kadiwéu são um sub-grupo) dominavam esta região do século 16 ao 18, os Guaná (dos quais os Terena são um sub-grupo) estabeleceram-se nesta região no final do século 18, vindos do Chaco, a Oeste do rio Paraguai, na altura das lagoas Gaiva e Uberaba. Os Ofaié e Kaiowá foram transferidos recentemente pela FUNAI para a reserva dos Kadiwéu na Serra de Bodoquena, vindos de outras regiões do Mato Grosso do Sul.

Os Kadiwéu são em número de 450, agrupados no PI Bodoquena e empenhados em longa luta pela desocupação de suas terras (478,5 mil ha) 90 o/o ocupadas por pecuaristas com contratos de arrendamento e invadidas por mais de duas mil famílias, num total de 10.000 pessoas.

Os Terena num total de dez mil índios aldeados vivem confinados em pequenas reservas. Os 8 postos da FUNAI somam vinte mil hectares. Para o seu sustento, a maioria depende do trabalho assalariado em fazendas. As aldeias Terena tem uma longa tradição de dominação e de dependência do branco, causa talvez da divisão e desorganização política interna. As alternativas de organização de lideranças são sistematicamente esvaziadas e reprimidas.

Os Guató, num total de 235, estão em eminente extinção. Expulsos da Ilha Bela Vista do Norte, até hoje não tem terra para se reagrupar.

Os Ofaié moram na "Invasão", na reserva dos Kadiwéu, cercados por invasores totalmente abandonados pela FUNAI que os transferiu para lá em 1978. Esse povo também já foi considerado extinto.

Neste relatório vamos nos limitar às aldeias Passarinho e Moreira (PI Pilade Rebuá). Nestas aldeias formamos dois grupos de roças em 1981, colaboramos diretamente na construção de uma capela, fizemos visitas frequentes, participando da vida religiosa da Comunidade. Essas aldeias localizam-se a 4 Km do centro da cidade de Miranda. Formaram-se no início do século presente. Em 1924, a Prefeitura fez um termo de doação dessas terras aos Índios. Contudo, até hoje as terras não estão demarcadas, mas, pelo contrário, reduzidas e invadidas.

#### Problemas :

- Terra totalmente insuficiente, invadida e não demarcada;
- O trabalho extenuante nas fazendas e a proximidade da cidade, favorecem sobremaneira o alcoolismo;
- Interferências maléficas e incontroláveis: Dersul, Enersul, Prefeitura, Estado (estrada, rebaixadora de energia, quadra de esporte, ameaça de loteamento, poços, aterros, posto de saúde, etc..)

#### Atuação:

- Objetivos:**
- Reorganização do Grupo Terena;
  - Organização de uma pastoral indígenista na Diocese;
  - Conhecimento dos Índios da região, levantamento e visitas a grupos desaldeados;
  - Garantia e recuperação das terras: a situação do Kadiwéu é a mais dramática.

#### Perspectivas:

- Continuar a organização da pastoral indígenista na Diocese, com encontro de líderes religiosos e acompanhamento de perto de algumas comunidades;
- Formação de grupos de roças;

– Colaboração numa reunião regional de líderes.

Planos do Governo para a região:

Usinas de álcool: Usina Bodoquena; outra usina na região de Aquidauana.

Frentes pioneiras na região:

A serra de Bodoquena e a terra dos Kadiwéu se constituíram, há alguns anos, numa frente de ocupação desordenada e violenta.

**FUNAI:** Grandes projetos de roças, em todos os postos a FUNAI está implantando projetos agrícolas para plantio de arroz, feijão e milho.

**Igrejas:** As diversas confissões religiosas muito contribuíram para acirrar divisões internas não tendo compromisso com a sobrevivência física e cultural desse povo

---

## 2. PROJETO DOURADOS

**Localização:** Região da grande Dourados – MS

**População Abrangida:** Guarani e Kayoá

**Equipe:** Antonio e Lúcia , Olevino

**Início do Projeto:** 1978



### Histórico:

Os remanescentes Chiripá e Kayoá vivem hoje em onze áreas reconhecidas como tais pela FUNAI, num total de aproximadamente 10.000 índios aldeados, ocupando apenas 18.405 ha. de terra. Além dos índios aldeados, calcula-se que 1.500 continuam perambulando pelas fazendas da região.

A equipe da OPAN atinge diretamente a aldeia de Porto Lindo, município de Mundo Novo, com aproximadamente 1.100 índios em 2.000 ha. de terra demarcada; Aldeia Carapó, aproximadamente 1.300 índios em 3.615 ha. de terra demarcada, Panambi e Panambizinho, aproximadamente 400 índios em igual número de ha. de terra não demarcada; índios em fazenda: Rancho Jacaré e Piracuí. Outras aldeias são atingidas de forma indireta pelas reuniões de lideranças indígenas, porém são pouco visitadas pela equipe.

### Problemas:

Falta de terra, comum a todas as demais aldeias; — Dificuldade de sobrevivência: forte dependência do trabalho assalariado nas fazendas da região; — Destruição completa dos recursos naturais (matas, caça, f rutas...) — Dependência dos remédios allopáticos, desaparecimento das ervas medicinais próprias do grupo.

### Atuação:

**Objetivos:** Prestar colaboração como pessoas e como igreja local, na solução dos problemas mais urgentes; 1. luta pela terra, através de: a) levantamento b) Informação sobre reuniões e visitas; 2 Ajudas concretas (sementes e ferramentas) 3. Elaboração e encaminhamento de processos de legalização de terras indígenas junto à FUNAI; 4. Denúncias; 5. luta pela sobrevivência física e cultural, através de lavouras comunitárias; 6. Reuniões de representantes das diversas aldeias; 7. Questões ligadas à saúde.

O projeto junto aos Chiripá—Kayoá iniciou em 1978 com a chegada de um casal (Carlos e Ingrid). No final de mesmo ano se dirigiram ao projeto mais dois elementos da OPAN (Antonio e Lúcia ). Em 1980 houve a entrada de mais um voluntário da OPAN (Olevino) ficando assim três pessoas.

Em 1982 houve a saída de Olevino, entrando para o projeto outra voluntária da OPAN, Adélia

### Perspectivas:

Necessidade de mais pessoas no projeto, principalmente para o setor agrícola para continuar os trabalhos já em andamento e ampliar a atuação.

### Planos do Governo para a região:

— Tornar a região um grande centro produtor de gêneros alimentícios e carne, usando técnicas cada vez mais sofisticadas

Os índios percebem, alguns mais outros menos, que sua situação está cada vez mais difícil. Possuem cada vez menos terra para uma população cada vez maior e a pressão dos brancos contra seus "velhos costumes" é cada vez mais intensa. Os velhos lembram da época que "tudo isto era mato".

### FUNAI:

Atua nas 11 aldeias, mantendo 8 postos nas aldeias maiores.

Em todas há professores e enfermeiros do órgão oficial.

Igrejas:

Há forte atuação da Igreja Presbiteriana e Alemã. A primeira mantém pastores, professores e enfermeiros junto a 6 aldeias, e a segunda junto às outras duas. Há um projeto de lavouras comunitárias, levado adiante por um grupo de antropólogos, mantido por igrejas Evangélicas.

**V – REGIONAL LESTE**

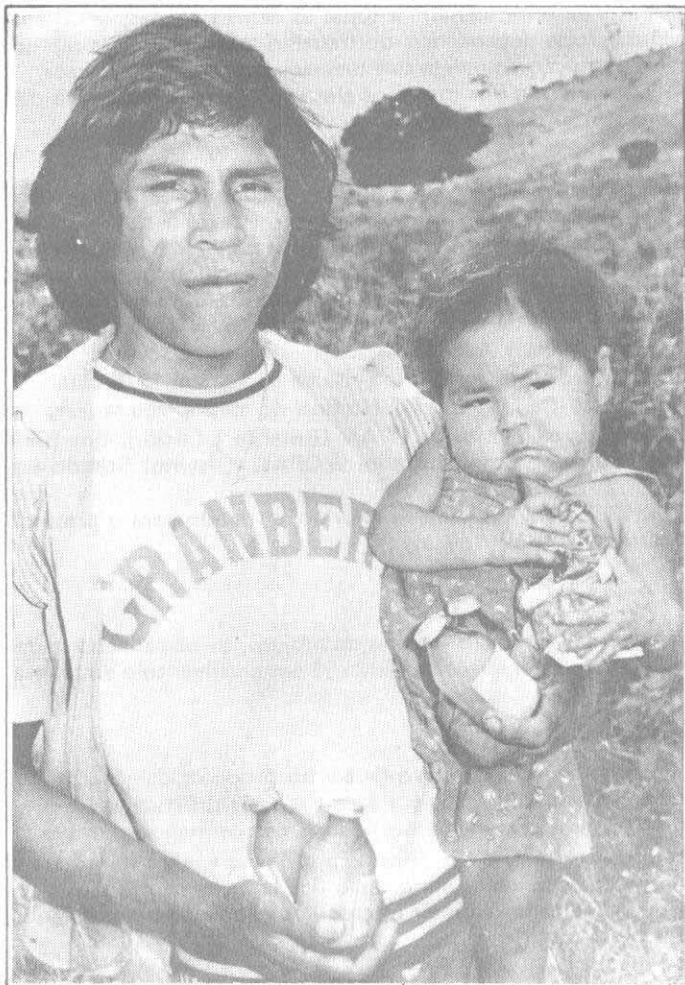
**1. PROJETO CIMI-LESTE**

Localização: Vitória – ES

População Abrangida: Índios: Tupinikim, Guarani, Krenak, Maxakali, Xakriabá, Patoxó, Hã-Hã-Hã.

Equipe: Fabio, Nira e Geralda

Início do Projeto: 1978





### Histórico:

O Projeto iniciou com a criação do Regional Leste — Nordeste do CIMI, a partir de um levantamento realizado em 1978, quando constatou-se a necessidade de um trabalho junto aos índios da região. Os grupos da região estão em contato com os brancos há séculos, muitos já não falam a própria língua, mas há uma certa preocupação em retornar não só à língua como a própria cultura.

### Atuação:

Os voluntários Fabio e Nira tem o trabalho de coordenação do CIMI Regional Leste, que abrange os Estados do Espírito Santo, Minas Gerais e Sul da Bahia.

Atuam porém, de modo sistemático com os povos: Tupinikim, Guarani e Krenak. Geralda, agente pastoral da diocese de Teófilo Otoni (MG), atua com o povo Maxakali.

### Problemas:

Esses grupos indígenas de uma maneira geral enfrentam graves problemas de terra. Os Tupinikim enfrentam de forma organizada, a Aracruz Celulose e a própria FUNAI para que devolvam uma pequena parte das terras invadidas; além disto, a falta de assistência, o alcoolismo, o corte desmedido de árvores, sem a preocupação de um posterior reflorestamento.

Os Guarani passam a ocupar gradativamente a terra com roças e casas que antes estavam com o Patronato.

Falta de apoio às vezes da Igreja que se posiciona a favor do fazendeiro.

Os Maxakali resistem à invasão de suas terras por fazendeiros. Vivem ainda a época da colonização. FUNAI e prefeito contra os índios.

### Perspectivas:

- Aprofundar o estudo do Povo Guarani e da língua;
- Tentar encaminhar Cristiano (OED) para os Patoxó, uma vez que o bispo de Januária não aceitou sua ida para os Xakriabá;
- Maior convivência e conhecimento dos problemas da estrutura tribal
- Levantamento Bibliográfico de material já publicado sobre os grupos
- Levantamento da população
- Colaborar no processo de auto-determinação
- Aumento de uma pessoa na equipe.

### Frentes pioneiras

Toda a terra dos Tupinikim está ocupada por latifundiários estabelecidos. Os índios estão confinados em áreas pequenas, em contato permanente com a sociedade nacional.

Muitos fazendeiros contam com sindicato pelego, maçonaria, prefeitura e FUNAI, para se voltarem numa ação organizada contra os índios.

### FUNAI:

Os 9 índios do leste sofrem ameaças de serem emancipados, pois são considerados "integrados à comunhão nacional". Táticas reprofessoras, confundindo os índios e corrompendo lideranças.

### Igrejas:

Há dioceses que não apoiam e nem sequer permitem um trabalho de igreja junto aos índios. Algumas estão comprometidas com a luta e

tem apoiado muito a caminhada (Vitória – Teófilo Otonari).  
Há o apoio da Paróquia de Itanhaém no trabalho com os Maxakali.

Há a atuação da Igreja Evangélica, através de uma antropóloga (Neli) e um professor (Aroldo) em convênio com a FUNAI.

## VI – PROJETOS PASTORAL DA TERRA

### 1. PROJETO

#### COORDENAÇÃO DO SETOR RURAL

Localização: Deodápolis – MS

População Abrangida: pequenos agricultores

Equipe: Senesio e Oracélia, c/ a filha Elisa

Início do Projeto: julho/1979

Na Assembléia Geral de julho de 1979 a OPAN decidiu apoiar e colaborar para o surgimento de um grupo de voluntários leigos no setor rural. Senesio e Oracélia ficaram encarregados de coordenar a dinamização deste projeto. Mais do que qualquer outra coisa, estes dois anos e meio foram uma sucessão de tentativa de orientação e estruturação do grupo.

#### Histórico:

A equipe fez alguns contatos com algumas entidades e com pessoas conhecidas que poderiam ajudar na formação do grupo: CPT Nacional e regionais de São Paulo Paraná e Santa Catarina, Centro de Orientação Missionária (COM), de Caxias do Sul, Assessorar do Paraná.

A primeira experiência de estágio preparatório contou com a participação de duas moças, que moraram durante 5 meses numa vila rural próxima à dos coordenadores.

A próxima experiência de estágio está sendo programada para Andradina, São Paulo, com acompanhamento da equipe local da CPT; duas moças iniciarão o estágio em março de 82.

#### Entradas de novos e abertura de Projetos:

Em fevereiro de 1980, Cida, que estivera no projeto ir digna de Estação – AM, integrou a equipe de Deodápolis, passando em outubro a trabalhar em Naviraí; desligou-se do Setor Rural alguns meses depois.

Angelo (TVC) e Heloisa iniciaram um projeto em Naviraí em outubro de 1980. Trabalharam ali até julho de 1981, quando se desligaram do grupo e deixaram o trabalho. Chegaram a decisão do desligamento frente à necessidade de reavaliar a opção feita e ao vencimento do visto de permanência de Angelo no Brasil.

Geni, que fez o estágio com Heloisa, foi iniciar um projeto na diocese de Três Lagoas – MS, em novembro de 1980. O isolamento e as dificuldades de entrosamento com o grupo levaram-na ao desligamento em julho de 1981.

A equipe mantém atualmente contatos com 6 pessoas que realizam um trabalho popular em Fernandópolis – SP, com perspectivas de ingresso de alguns no grupo.

#### Uma Proposta para o Grupo do setor Rural

No momento a equipe tem alguns pontos de referência que são importantes, sem contudo considerá-los algo pronto e acabado.

1. Características gerais: 1.1 É uma organização de leigos, especialmente jovens; 1.2 Atuação no Setor Rural, trabalhadores rurais; 1.3 O trabalho/deverá ter o peso maior, contudo, far-se-ão as articulações necessárias a nível do Regional da CPT; 2. Campos de atuação: 2.1 Eclesial: Formação e animação de CEBs, etc; quando há possibilidades de um mínimo de criticidade; 2.2 Sindical: trabalhos de fundação e assessoria de sindicatos; 2.3 Político/Educação política, inclusive partidária. A organização não tem opção por determinado partido; 2.4 Cultural: incentivo e promoção da autêntica cultura popular. 3. Outras características: 3.1 Todos os membros são voluntários, com nível de vida simples; 3.2 Tempo integral para o trabalho; 3.3 As linhas de ação serão basicamente as mesmas da CPT; 3.4 Ligado à Igreja, especialmente à CPT; 3.5 A moradia e o trabalho serão sempre que possível, em pequenas equipes; 3.6. A organização não pretende ter "trabalhos próprios; mas as equipes deverão atuar sempre em conjunto e integradas aos regionais da CPT.

Como se vê nada consta sobre a preparação dos voluntários, pelo fato de não haver ainda uma proposta elaborada neste aspecto.

Planos e perspectivas para 1982:

1. Ampliar e aprofundar a rede de pontos de referência para o grupo, com o objetivo de tornar mais conhecida a proposta de trabalho e de vida do grupo.
2. Encontrar um pequeno grupo de assessores para o grupo.
3. Elaborar um folheto de informação do grupo para a divulgação.

Na Assembléia Geral da OPAN, em janeiro de 1982, frente à decisão de definição mais integralmente indigenista da Organização, decidiu-se pelo esligamento da equipe coordenadora do Setor Rural. A equipe conduzirá, assim, o seu trabalho, com inteira autonomia em relação a OPAN. Esta continuará disponível para dar algum apoio que seja útil, ainda, aos voluntários da área rural. Com isto, deixa de existir o Setor Rural da OPAN.

**2. PROJETO  
DEODÁPOLIS**

Localização: Deodápolis – MS  
 População abrangida: pequenos agricultores  
 Equipe: Senésio e Oracélia (filha: Elisa) e Inês (TVC)  
 Início do Projeto: Agosto de 1979

Histórico:

Deodápolis fica a 100 Km de Dourados, e cerca de 350 de Campo Grande. Deodápolis faz parte da Colônia Federal, loteada na década de 50 pelo governo Getúlio Vargas.

Principais problemas:

Para os cerca de 40 de lavradores sem terra própria, sem dúvida esta é a maior necessidade. Para os que tem terra e também para os que não tem, a política dos preços é um problema sério. Outro problema grave, é a falta de assistência médica.

### Atuação:

**Objetivos:** 1. Conscientização dos lavradores, de seus direitos; 2. Suscitar comunidades eclesiais de base. O trabalho de conscientização foi iniciado, enfrentando algumas dificuldades. Inicialmente foram feitas várias reuniões nos núcleos do interior do município. Foram um primeiro passo, mas se esvaziaram com o decorrer do tempo, por serem muito teóricas.

O passo seguinte, foi a concretização do sindicato dos trabalhadores, que ocorreu em 25 de abril, com a presença de 270 lavradores. Junto às mulheres foi feito um trabalho de valorização da medicina caseira e melhoria da alimentação com recursos próprios, horta, etc.. Algumas mulheres também estão participando de um grupo de aprendizado de tricô e crochê.

A Paróquia promove 3 encontros de líderes das comunidades rurais por ano. A participação da equipe nesses encontros e a contribuição que a mesma tem prestado, vai aumentando notavelmente. No encontro de março de 1981 os líderes tomaram a decisão de formar grupos de reflexão bíblica nas comunidades. A equipe passou a ajudar na elaboração do material para os grupos de reflexão, o que está criando boas oportunidades para que o povo possa refletir seus problemas e discutir com os padres e as irmãs sua visão de Igreja e sua interpretação dos textos bíblicos. Formaram-se cerca de 60 grupos na paróquia.

Além dos trabalhos desenvolvidos no município de Deodópolis, a equipe ajuda nos trabalhos do regional da CPT (Comissão de Pastoral da Terra).

### Perspectivas:

A assessoria ao Sindicato vai se desenvolver na linha de um amplo trabalho de base que precisa ser incrementado. No trabalho com as mulheres se tentará ampliar o número de participantes, procurando um mercado para vender o artesanato feito por elas. Com esse grupo serão promovidos pequenos encontros de saúde preventiva e medicina caseira.

Está em pauta, também, a realização de um grupo de alfabetização de adultos, por causa do grande índice de analfabetismo.

No campo religioso, a meta é o aprofundamento das Comunidades Eclesiais de Base, para isso, a equipe continuará a ajudar na elaboração do material de reflexão, formação de novos grupos, assessoria aos dirigentes, etc...

Continuará, também o trabalho com a equipe regional da CPT.

VII – PROJETO  
ASSESSORIA  
LINGUÍSTICA

Localização: Cuiabá – MT  
Responsável: Darci Secchi  
Início do Projeto: abril de 1981

**Motivações:** A idéia de se criar um projeto com finalidade específica de colaborar com os demais projetos no estudo das línguas indígenas,

foi sempre bastante fomentada. A partir da assembléia da OPAN/81, finalmente foi votada a abertura do projeto, ficando a cargo do Darci a sua organização e orientação.

As motivações inicialmente sugeridas vinham na seguinte linha: 1. Capacitar tecnicamente pessoas para o início de coletas de dados linguísticos dos grupos atendidos (fonética, gramática, etc.); 2. Ficar à disposição dos projetos para, quando solicitado, dar assessoria no próprio local, atendendo a dificuldades específicas e concretas surgidas no desenvolver das pesquisas; 3. Servir de ponte entre os projetos e os centros de documentação linguística, com o objetivo de coletar, selecionar e remeter o material sobre as diversas línguas.

**Desenvolvimento:** Atualmente o projeto está praticamente com todo o material específico que interessa, quer como documentação de várias línguas, quer como em termos de organização de arquivo "biblioteca" e sede. Praticamente todo o material existente no Museu Nacional, Summer e no CIMI, sobre os grupos atendidos pela OPAN, está à disposição no projeto, e/ou foi remetido para os colegas nas bases.

**Dificuldades:** 1. O interesse dos projetos é muito vago ainda; 2. dificuldade de localizar o material referente aos vários grupos indígenas; 3. Impossibilidade de ir pesquisar nos centros de estudos existentes; 4. Falta de tradução do material que se encontra em inglês, e que é muito; 5. Necessidade de maior conhecimento técnico e metodológico; 6. Inclearza quanto à produtividade das visitas aos projetos.

**Principais atividades:** Concretamente as principais atividades neste período consistiram em: 1. Aulas para os estagiários com uma boa avaliação e aproveitamento; 2. Montagem do projeto, com condições de local de trabalho, pesquisa e moradia para o mesmo; 3. Foi feita coleta de material específico, com a colaboração de várias pessoas; 4. Remessa de trabalhos acessíveis e possivelmente úteis para os projetos; 5. Visita ao projeto Cinta Larga, como experiência e alguma validade prática e técnica; 6. Outras pequenas colaborações: Kaxinawá e Katukina, Salumã e Karajá.

---

## VIII – PROJETO COORDENAÇÃO DA OPAN

Localização: Cuiabá – MT  
Equipe: Vanda, Ivar e Arlindo  
Início do Projeto: fevereiro de 79.

---

**Objetivos** 1. Apoiar os voluntários nos Projetos e servir de ponto de referência para a comunicação e entrosamento entre os vários projetos; 2. Selecionar e preparar novos voluntários; 3. Manter contatos com outras entidades; 4. Atender aos trabalhos burocráticos da Organização.

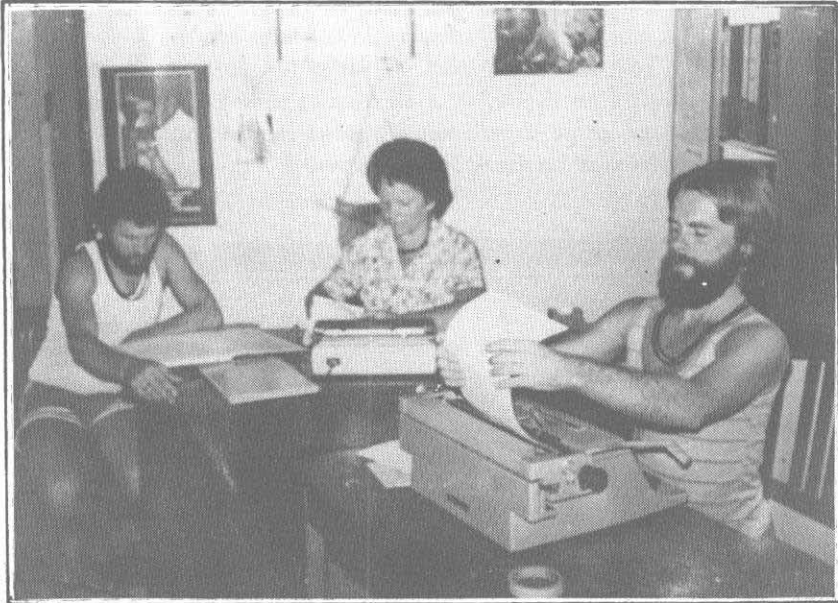
**Localização:** Para maior funcionalidade da Coordenação, a sede foi transferida no final de 1979 de Porto Alegre – RS para Cuiabá – MT. A capital matogrossense é ponto de passagem relativamente frequente dos voluntários, e tornou bem mais fácil para a Coordenação acompanhar a situação dos projetos, e articular, na medida do possível, as atividades de conjunto da organização. Certamente, a dispersão e distância dos projetos faz com que este trabalho ainda deixe muito a desejar.

**Contatos com a base:** A nova localização da sede tem permitido à Coordenação manter um bom contato direto com algumas áreas indígenas do Mato Grosso. Em 1981, somando as várias idas às aldeias (Cinta Larga, Kayabi, Apiaká, Paresi, Karajá, Tapirapé e M'Ykĩ), os elementos da Coordenação passaram cerca de 5 meses nas bases indígenas.

**Preparação dos voluntários:** Esta atividade, que mobilizou boa parte do tempo de trabalho da Coordenação, está mais amplamente descrita no início deste Relatório.

**Contatos com outros organismos:** Além dos contatos normais com outros organismos indigenistas a Coordenação colaborou especialmente, em 1981 para a fundação e encaminhamento do Centro de Documentação Terra e Índio, – CDTI – sediado em Cuiabá.

**Perspectivas:** 1. Dar continuidade e intensificar a comunicação e o apoio aos companheiros que atuam nos projetos; 2. Prosseguir com a preparação dos voluntários, ampliando e aprofundando seu encaminhamento; 3. Continuar os contatos com as áreas indígenas da região; 4. Manter o entrosamento com outras entidades; 5. Dar conta das exigências burocráticas da organização.



Localização: Porto Alegre – RS  
População Abrangida: Guarani M'bya  
Responsável: Mauro Castro

---

#### Histórico:

Esta casa da OPAN em Porto Alegre foi adquirida para moradia dos estagiários, quando a Organização tinha sua sede naquela cidade. Ao mudar-se para Cuiabá, não foi possível vendê-la, pois tinha sido interditada pela prefeitura. Foi posta, então, à disposição do companheiro Mauro, da ANAI (Associação Nacional de Apolo ao Índio) local, que já desenvolvia um trabalho de apoio às comunidades Guarani M'bya no R. G. do Sul. Havia tempo que ele encontrava grande dificuldade de alojamento para os Índios, quando estes transitavam em P. Alegre.

#### Uso da Casa:

Os Índios que se hospedam na casa procedem principalmente de três locais: Osório, Tapes e Pelotas, e mais recentemente também de Santa Catarina e Paraná. Os objetivos dos Índios nestes deslocamentos a P. Alegre são basicamente dois: venda de artesanato e atendimento a problemas de saúde. Mas a Casa tem servido igualmente como local de reuniões, onde Índios de diversas comunidades se encontram para discutir questões de interesse comum.

Ao longo de 1981, hospedaram-se na casa, em média, cerca de 40 Índios a cada mês. Houve ocasiões, entretanto, em que a casa chegou a abrigar 30 Índios num mesmo dia. Eles fazem habitualmente sua comida em fogo de chão, no quintal da casa, seguindo seus costumes tradicionais; nos dias de chuva, Mauro salva a situação com o fogão a gás.

Acompanhamento: Além do atendimento na casa de P. Alegre, Mauro continua se deslocando até as áreas onde vivem as comunidades Guarani, na medida em que é convidado pelos próprios Índios. Com isto, aproximadamente uma vez por mês ele faz uma visita aos 3 grupos.

---

### ASSEMBLÉIA GERAL

A Assembléia Geral da OPAN deste ano aconteceu em Fátima de São Lourenço – MT, de 01 a 10 de Fevereiro, e diferentemente das últimas duas Assembléias da organização, que foram representativas, esta contou com a maioria absoluta dos seus membros. Também estiveram presentes vários companheiros de trabalho de outras entidades, 5 coordenadores regionais do CIMI e como assessores D. Pedro Casaldáliga (Prelazia de São Félix), Ivo Poletto (CPT) e o antropólogo João Pacheco (Museu Nacional do RJ).

Neste encontro a OPAN assumiu um compromisso exclusivo com os povos indígenas. Segundo os novos estatutos, agora aprovados, são objetivos da organização: "Selecionar, treinar, enviar e acompanhar voluntários em projetos de trabalho junto às populações indígenas". Com isso a OPAN deixa de atuar com populações não indígenas. Procurando concentrar pessoas e recursos para uma atuação mais eficaz, foram fechados temporariamente os Projetos Salumã (MT) e Seruini (AM), ficando sem perspectivas de continuidade o Projeto Estação na Prelazia de Lábrea (AM), e o trabalho junto aos Katukina e Kaxinawá (AC).

Da mesma forma, determinou-se uma dinâmica mais rigorosa para abertura de novos Projetos de Trabalho: contato com a Igreja, organismo ou população que solicita o trabalho; estudo da realidade local; conhecimento da organização social da comunidade; históricos de contato do povo indígena com a sociedade nacional; objetivos de trabalho bem definidos; viabilidade, métodos e custos do projeto; disponibilidade de pessoas e recursos. Optou-se também por uma regionalização: cada região (Acre, Amazonas Mato Grosso do Sul, MT e Leste) elegeu um representante para ser responsável, em sua área, pelo acompanhamento aos projetos, buscando assessoria e recorrendo à Coordenação Geral quando necessário. Estes representantes ajudarão também a Coordenação Geral na seleção e encaminhamento dos estagiários.

Foi eleita a nova Coordenação da OPAN para o biênio 83/84: Coordenação Geral – Ivar Busatto, Coordenador Técnico – Arlindo Leite, Coordenador Financeiro – Darci Secchi. Além disso foi eleito o Coordenador Financeiro para 82 (DARCI), que substitui a Vanda que se afasta para estudos.

Ficou marcada para jan/fev/83 a próxima Assembléia Geral representativa.

## OUTROS ORGANISMOS

### Entidades de Ajuda:

A execução dos trabalhos aqui apresentados não seria possível sem a colaboração financeira de várias entidades que valorizam o nosso trabalho, e se sentem solidárias com a luta dos povos indígenas no Brasil. Durante este período pudemos contar com a colaboração financeira das seguintes entidades de ajuda: CEBEMO (Holanda), Pontificias Obras Missionárias (Brasil); OED (Áustria); Kirche in Not (Alemanha); Aktion Bruder in Not (Áustria); Misereor (Alemanha); Adveniat (Alemanha); Miva (Austria) e Katholische Jungchar (Áustria).



Nesta ocasião queremos agradecer muito especialmente a estes colaboradores, cujas ajudas financeiras tornaram possíveis a execução dos mesmos projetos de trabalho.

Além das entidades citadas, contamos também com a colaboração direta ou indireta das Dioceses e Prelazias onde se realizam os trabalhos, com a colaboração dos regionais do CIMI e do CIMI Nacional.

#### Relacionamento com outras entidades:

Durante o decorrer dos últimos anos, a situação dramática dos Povos Indígenas tem se tornado um tema frequente, debatido nos mais diversos setores da sociedade nacional.

Neste sentido, surgiram grupos de trabalhos e muitas entidades solidárias com a causa indígena, todos somando em prol de nossas minorias étnicas.

Atualmente podemos contar mais de 30 grupos e entidades atuantes em regiões de conflitos ou mesmo junto à população das grandes cidades. A OPAN mantém um bom relacionamento com todas estas entidades e grupos, sendo que muitas delas têm participado ativamente dos nossos trabalhos.

Dentre as que mais se destacaram por sua posição e contribuição na preparação dos voluntários, assessoria pedagógica, metodologia, antropologia, linguística e sanitária, queremos citar o Centro de Documentação Terra e Índio (CDTI de Cuiabá; o Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI) de São Paulo; a Secretaria Executiva das entidades de Apoio à luta Indígena, de Brasília.

Em nível de relacionamento mais estreito e permanente, contamos com o apoio e orientação do Conselho Indigenista Missionário CIMI, através de sua secretaria executiva e de todos os seus regionais.

A nível de voluntariado, continuamos a trabalhar junto com os companheiros da TVC italiana, e da OED austríaca, em alguns projetos, o que tem sido sempre enriquecedor.

## CONCLUSÃO

Cada projeto apresentado neste relatório, cada área de atividades, carrega em si o empenho de algumas pessoas que arriscaram suas vidas na busca de uma nova humanidade, a partir da convivência com os povos indígenas ou rurais. Imensa riqueza existencial resumida em poucas e precárias linhas. Esperamos que através de um meio tão limitado, a gente possa ter comunicado um pouco de nossa vida.

Agradecemos, ao finalizar este relato, antes de mais nada aos grupos indígenas com os quais trabalhamos, e a tantos outros índios amigos que nos tem ajudado a amadurecer na caminhada, exigindo de nós que sejamos sempre mais consequentes em nossa atuação.

Temos clara consciência, também, de que nosso esforço é viável porque se inscreve num conjunto amplo de pessoas e entidades que batalham os mesmos objetivos, ou colaboram para a realização dos mesmos. Por isto, somos gratos a todos os que nos ajudaram de alguma forma a concretizar nossa proposta.

Continuaremos a contar com a solidariedade dos grupos indígenas, das entidades e das pessoas que lutam conosco pela mesma causa, ao mesmo tempo que nos dispomos a uma partilha sempre mais ampla nesta luta em que estamos todos empenhados.

Lembramos em particular do Dr. Falcão, que tem sido incansável no atendimento odontológico de grande parte dos nossos companheiros.